

Discursos da Mulher Prostituta em *Menina que Vem de Itaiara**Discursos de la Mujer Prostituta en Menina que Viene de Itaiara**Speeches of The Prostitute in Menina que Vem de Itaiara***Guthemberg Felipe Martins Nery****Laura Maria Silva Araújo Alves**

Resumo: Da leitura da obra *Menina que vem de Itaiara* (1996), da literata paraense Lindanor Celina, identificamos os discursos explícitos e implícitos sobre personagens femininas prostitutas em uma pequena cidade fictícia do interior da Amazônia, nos anos de 1920 e 1930. De cunho documental, a análise romanesca da obra segue a perspectiva discursiva de Bakhtin sobre as personagens femininas prostitutas e suas multiplicidades de vozes com percepções dissonantes em relação à figura e postura da mulher prostituta. Há uma polifonia discursiva que retrata as personagens prostitutas a partir dos valores ideológicos como mulheres-damas, sedutoras, insubmissas e transgressoras, diferente do estereótipo de mulheres recatadas e do lar.

Palavras Chave: Lindanor Celina. Romance. Mulheres. Prostitutas. Menina que vem de Itaiara.

Resumen: De la lectura de la obra *Menina que vem de Itaiara* (1996), de la literata paraense Lindanor Celina, identificamos los discursos explícitos e implícitos sobre personajes femeninas prostitutas en una pequeña ciudad ficticia del interior de la Amazonia, en los años 1920 y 1930. De cunho documental, el análisis romanesco de la obra sigue la perspectiva discursiva de Bakhtin sobre los personajes femeninos prostitutas y sus multiplicidades de voces con percepciones discordantes en relación a la figura y postura de la mujer prostituta. Hay una polifonía discursiva que retrata a los personajes prostitutas a partir de los valores ideológicos como mujeres-damas, seductoras, insumisas y transgresoras, diferente del estereotipo de mujeres recatadas y del hogar.

Palabras Claves: Lindanor Celina. Romance. Mujeres. Prostitutas. Menina que vem de Itaiara.

Abstract: From the reading of the book *Girl who comes from Itaiara* (1996), by Lindanor Celina, from Pará, we identified the explicit and implicit discourses about female characters who were prostitutes in a small fictional town in the interior of the Amazon, in the 1920s and 1930s. the novelistic analysis of the work dries Bakhtin's discursive perspective on the female prostitute characters and their multiplicities of voices with dissonant perceptions in relation to the figure and posture of the prostitute woman. There is a discursive polyphony that portrays the prostitute characters based on ideological values as ladies-women, seductresses, insubmissives and transgressors, different from the stereotype of errand and housewives.

Keywords: Lindanor Celina. Romance. Women. Whores. Girl who comes from Itaiara.

Guthemberg Felipe Martins Nery – Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação (UFPA).
E-mail: guthembergmartins@gmail.com

Laura Maria Silva Araújo Alves – Professora de Infância, Cultura e Educação na Faculdade de Ciências da Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFPA). E-mail: laura_alves@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Os documentos guardam fatos e registros de questões históricas, capazes de desvelar a presença, atuação e lugar ocupado pela mulher no contexto de épocas passadas. Entre o variado repertório documental, destacamos a literatura como uma singular fonte com possibilidade para empreender-se estudos e pesquisas históricas sobre o universo feminino. O texto literário, tomado como um documento, mesmo constituindo um tipo particular de fonte, na qual a dimensão artística, no caso literária, não pode ser deixada de lado, fornece o vislumbre da história vivida por diferentes sujeitos femininos. Segundo Chartier (1990), todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, enquanto representação do real, carrega um testemunho que cria um real na própria historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita.

Nas páginas das obras literárias, é possível encontrar vestígios passíveis a inúmeras possibilidades de leitura interpretação de versões outras da realidade feminina no passado que, muitas vezes, contradizem a dos relatos oficiais. Tais versões da realidade da mulher são fornecidas por meio da singular percepção de um observador privilegiado, o autor-escritor, que, mesmo quando não possui o objetivo explícito de “fazer história” com a escritura de sua obra literária, acaba por registrar e fornecer pistas com capacidade de “dizer a história”. Com esse mesmo olhar, Alves e Araújo (2011, p. 72-73) destacam:

A literatura, entendida como prática simbólica, configura-se como a formulação de uma outra realidade que, embora tenha como referência constante o real no qual o autor e o leitor se inserem, guarda com a vida vivida uma relação não de transparência, mas de reconstrução. O autor-escritor, no momento de produção do texto (romance e contos), traz para a escrita a sua compreensão do real, bem como o projeto da realidade pretendida. Ele re(a)presenta a realidade, tendo a linguagem literária como signo.

Essas versões da realidade re(a)presentada nos documentos literários fazem parte de universos ficcionais paralelos ao universo em que os sujeitos humanos “reais” vivem. Contudo, precisamos lembrar que todo e qualquer texto ficcional toma como referente constante o contexto do real, no qual o autor-escritor se insere, pois, como destaca Ferreira (2021, p. 67), toda narrativa de ficção está sempre enraizada na sociedade “em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias e desejos, explorando ou inventando formas de linguagem”.

No que tange aos documentos literários, com indícios da realidade de outras épocas, ressaltamos a importância da ficção produzida pela escritora paraense Lindanor Celina, que, através de um cuidadoso exercício de linguagem artística, criou uma multiplicidade de personagens femininas de protagonismos, consciências e vozes que dão visibilidade e penetram de maneira ampla e generosa na condição da mulher paraense, nas décadas iniciais do século XX. Sob o prisma dessas considerações, objetivamos, neste trabalho, analisar a literatura romanesca de Lindanor, e responder a seguinte questão: quais percepções ressoam nos discursos explícitos e implícitos, entretecidos por Lindanor Celina acerca da figura e postura de mulheres prostitutas da fictícia cidade de Itaiara, nos marcos temporais de 1920 e 1930?

Para que possamos alcançar o objetivo de responder ao questionamento levantado, seguimos pelos caminhos metodológicos da pesquisa do tipo documental. Optamos por utilizar um tipo

singular de fonte documental, a literatura, mais especificamente o texto romanesco. De acordo com os estudos de Tozoni-Reis (2002, p. 9), a literatura romanesca pode ser considerada uma fonte documental capaz de relevar traços de uma determinada realidade, pois ela carrega “uma expressão da realidade histórica e social, embora a expressão dessa realidade seja articulada a elementos estéticos”. Segundo o autor, é justamente o caráter estético presente nos dados fornecidos pelos romances que lhes conferem uma força expressiva para uma compreensão diferenciada da realidade, uma realidade compreendida pela ficção.

Em vista do pensamento acima, objetivamos capturar traços da realidade de mulheres prostitutas de outra época por meio da ficção presente no documento romanesco de Lindanor Celina. Os aspectos conceituais da história da mulher são baseados nos aportes teóricos propostos por Elóidia Xavier (1998), Guacira Louro (2003), Jane Almeida (2014), Margareth Rago (1991) e Mary Del Priore (2011). Além disso, o balaio de vozes das personagens contidas no romance foi apreciado por meio da análise do discurso, ancorada na perspectiva analítico-discursiva da categoria de discurso polifônico de Mikhail Bakhtin (1981). Por discurso polifônico, entendemos como o entrelaçamento de múltiplas vozes da vida social, cultural e ideológica que coexistem no interior do plano discursivo de uma obra. Tal profusão de vozes é percebida nos diálogos e ações de personagens que atuam como sujeitos pensantes, ao apresentarem consciências independentes para falarem sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a percepção da realidade ao redor, pois é no romance polifônico onde encontramos discursos “do ‘eu’ do outro não como objeto, mas como sujeito” (BAKHTIN, 1981, p. 6).

Este artigo estrutura-se, além da introdução, em três seções: a primeira ilustra análise sobre os discursos da prostituta Isa Apetitosa, evidenciando as diversas percepções acerca da figura e postura da personagem; na segunda seção serão analisados os discursos da prostituta Diana Debalde, exibindo os diferentes pontos de vista materializados sobre a personagem; e, por fim, a terceira traz as considerações finais, pontuando as principais questões emergidas neste estudo. Desse modo, este texto apresenta-se como um convite para conhecer discursos outros romanescos escritos por Lindanor Celina, que congregam um coro de vozes acerca de questões fundamentais da vida de mulheres prostitutas e expressam, ainda, seus desejos, identidades, transgressões e conquistas diante de uma pequena cidade do interior paraense no início do século XX.

1. Discurso da Prostituta Isa Apetitosa

Lindanor Celina Coelho de Miranda, ou Lindanor Celina, mais comumente chamada, foi professora, jornalista e escritora. Nascida no município de Castanhal-PA, nordeste do Estado do Pará, transitou ainda menina para a cidade de Bragança-PA, localidade onde cresceu, e que posteriormente serviu de inspiração para a produção de seus textos literários. Ao longo de sua extensa carreira voltada para as letras, escreveu e publicou diversas obras literárias no Brasil e na Europa, produção que vai de romances a crônicas, retratando variados assuntos da Amazônia paraense, e de algumas cidades europeias. Uma de suas obras mais reconhecidas é, sem dúvida, o romance *Menina que vem de Itaiara*, objeto de nossa atenção.

O romance *Menina que vem de Itaiara*, publicado em 1963 pela Editora Conquista, e reeditado em 1995 e 1996¹ pela Editora Cejup, é considerado o livro de largada de Lindanor Celina no mundo das letras. O texto apresenta em sua trama as aventuras e dramas vivenciados pela menina Irene, narradora e personagem principal do romance, em uma pequena cidadezinha localizada no

¹ Nesta pesquisa, esclarecemos utilizar a edição do romance publicada no ano de 1996.

Nordeste do Pará, inclusive com características similares à cidade de Bragança-PA. É através de Irene que conhecemos o variado núcleo de mulheres narradas nas páginas do romance, dentre elas, destacam-se a figura e postura da imensidão de personagens femininas, que, geralmente, carregam vozes consoantes com o discurso da mulher a ser admirada e seguida pela sociedade de Itaiara das décadas iniciais do século XX, mais especificamente 1920 e 1930, isto é, mulheres esposas, mães, donas-de-casa, guardiãs da vida privada. Contudo, nesta obra, também circulam discursos de personagens femininas com figuras e comportamentos insubmissos, transgressores aos padrões impostos à época, sujeitos atuantes na vida pública, como “mulheres da vida, ruas inteiras delas, em lugar daquele tamaninho” (CELINA, 1996, p. 31).

No romance estudado, percebemos que os discursos onde ecoam vozes acerca da mulher transgressora são os referidos à personagem Isa Apetitosa. É sobretudo através do enunciado-discursivo de Irene e de outros personagens que conhecemos Isa, a quem raríssimas vezes é dada a palavra, de forma total e avassaladora. Tais discursos buscam, quase sempre, caracterizar a personagem sob a visão de um sujeito feminino cuja identidade faz alusão ao negativo e lascivo, a uma postura e figura demonizada e sexualizada: “Bonita como o diabo, um morenã, viçosa que fazia gosto” (CELINA, 1996, p. 96). Conforme a percepção dos outros, Isa era valorada sob a imagem da sedução e erotismo, e assim ganhou o “apelido mais tarde soubemos, ‘Isa Apetitosa’” (CELINA, 1996, p. 96).

Conforme a narrativa, Isa tornou-se a mais nova vizinha da menina Irene, quando se aposou de uma velha e pequena barraca localizada nos fundos de sua casa, antiga moradia do finado Manuel Firmino. Não demorou para a mulher conquistar primeiro a curiosidade, em seguida a simpatia e amizade tanto da menina-protagonista quanto de Alba, sua irmã mais nova: “ela logo descobriu, tocando-a, através da cerca. Mas nem se zangou, cara feia não fez, antes mandou-nos um sorriso que era mesmo um convite, de doce” (CELINA, 1996, p. 96). Com o fortalecimento dessa afetuosa relação de amizade, as meninas passam a realizar diárias visitas à casa da mulher, geralmente após as aulas do grupo escolar, para receberem doces e afagos. No entanto, certo dia, a empregada Domingas chegou diante da mãe das crianças, dona Adélia, e portou a escandalosa notícia:

Tomando café, manhãzinha, antes de sair para o grupo, ouvimos a Domingas dizer: “Senhora sabe, dona Adélia, que tem morador novo na casa velha dos fundos? E diz-que é mulher-dama”. Mamãe alarmou-se: “mulher-dama?! Mas então essas meninas têm de deixar de uma vez de andar por lá. Não estou dizendo? Vamos ter pano pras mangas”. (CELINA, 1996, p. 96)

Notamos, no trecho, acima o entrelaçar das vozes de Domingas e dona Adélia, personagens ocupantes do respeitado núcleo de mulheres de família da cidade, enunciarem discursos convergentes à ideologia religiosa e moral a qual apontava Isa Apetitosa personificando a imagem e postura de meretriz, mulher dama, isto é, sujeito feminino marginalizado ao ser valorada por aspectos devassos e perigosos, já que trabalha na comercialização sexual do corpo em troca de dinheiro. A respeito dessa classificação marginal de sujeito, Louro (2003, p. 16) explica que os grupos provenientes de ocupações centrais, tidos como aqueles com identidades “normais”, têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros, eles “falam por si e também falam pelos ‘outros’ (e sobre os outros)”, estabelecendo contornos e demarcadores de fronteiras.

Assim sendo, conforme as vozes e consciências das personagens mulheres prevalecentes no romance, Isa não podia ter qualquer contato com Irene e Alba, tão pouco com outros sujeitos de Itaiara, pois a ideologia moral e religiosa retratava as mulheres profissionais do sexo como criaturas do demônio, desassossego familiar, ao fazerem qualquer homem, pai de família “perder a cabeça”.

Almeida (2014) explica que, no século XIX e XX, o discurso ideológico de caráter moral e religioso vai reger a sexualidade da mulher ao associá-la à figura santa, feita à imagem de Maria, à pureza de corpo e espírito. Em contrapartida, a mulher desviante, transgressora, principalmente a prostituta, seria ligada à maldade, à perfídia, ao pecado e à desobediência, afinal: “Se a primeira era o espírito e a santidade, a segunda seria carnal e pecadora, levando homens à corrupção do caráter e do corpo” (ALMEIDA, 2014, p. 64). E assim era concebida e valorada a imagem e postura de Isa Apetitosa, aos olhos e percepções da sociedade e dos moradores itaiarenses, como mulher desvirtuada, que subvertia os padrões e valores da época, afastando-se do princípio do sexo como meio de procriação para usufruir uma vida plena de emoções, independência financeira e conduzir homens aos caminhos da perdição.

A protagonista Irene releva os homens “de moral irrepreensível” que foram seduzidos por Isa Apetitosa para o tortuoso caminho da desventura, da tentação e do prazer. Seu discurso descreve a cena em que avistou o: “Pedro Galo entrou, fecharam a porta. Curioso, se falavam, era cochichado, porque voz nenhuma escutei. Um bom pedaço, bem uma hora, foi que saiu montou no cavalo, e foi-se. Daí por diante, repetiam-se as suas visitas” (CELINA, 1996, p. 98). E expõe, ainda, o repertório de homens seduzidos pelo encanto e erotismo da mulher: “Vi também o João Clóvis, o seu Mariano, da Parta. Até levei um susto. Esse casado, pai de um bando de filhas moças...!” (CELINA, 1996, p. 98). Nos trechos destacados do romance, percebemos a voz da narradora-protagonista Irene acentuar a profusão de sujeitos masculinos que passaram a realizar livres e fiéis visitas ao espaço privado do casebre da nova vizinha, muitos inclusive casados, pois suas aventuras extraconjugais eram justificadas, como explica Del Priore (2011, p. 161), devido a infidelidade masculina ser “explicada pelo comportamento ‘naturalmente poligâmico’ do homem. Em casa, a paz conjugal deveria ser mantida a qualquer preço e as aventuras’ consideradas como passageiras”.

Conforme a negativa reputação de Isa Apetitosa se espalhava na pequena cidade do interior, Irene e Alba estavam proibidas de trocar quaisquer amenidades com sua querida, porém, desvirtuada e imoral vizinha. Para Louro (2003), a vigilância, a censura e as mais diversas estratégias de disciplinamento perante questões envolvendo a sexualidade feminina apenas servem para potencializar a vergonha e a culpa, bem como para aguçar perguntas, dúvidas e fantasias. Certamente, a obra *Menina que vem de Itaiara* aborda este aspecto, revelando como o discurso que reforçava o controle sobre as práticas sexuais e eróticas de Isa Apetitosa parecia não sufocar a curiosidade e interesse de Irene, conseguindo apenas impulsionar gradativamente o cometimento de atos transgressores, pois a narradora-protagonista, ao se mostrar como sujeito que buscava não se limitar à ideologia religiosa e moral da época, enuncia que: “Foi proibirem, a tentação cresceu” (CELINA, 1996, p. 96).

Portanto, Irene, ao considerar injustas as proibições, e em desafio às ordens impostas, apresenta inclinações subversivas e continua a manter contato diário com a prostituta. Em suas proibidas incursões à barraca de Isa Apetitosa, através da interação dialógica com a mulher, começa a idealizá-la como a figura e postura de uma princesa, vivendo no interior de um casebre repleto de mimos, a exemplo dos deliciosos “bombons, chocolate, lanches e agrados” (CELINA, 1996, p. 96) que costumava ganhar, e, inclusive, do luxuoso “robe de cetim laquê que era um fascínio [...]

mim. Um fascínio e também uma inveja” (CELINA, 1996, p. 96). Tal aspecto fornece indícios do quanto Isa Apetitosa, sujeito consciente de sua atração perante os homens, sabia como satisfazer e fidelizar seus clientes para obter mais lucros em seus programas, ganhando não apenas dinheiro, mas também acumulando bens através da sedução.

Para Irene, a imagem de Isa Apetitosa apresentada sempre no espaço privado da casa, bem arrumada com seus vestidos de florzinha e cheirando a sabonete fino, possuía certos preceitos morais e modelo de comportamento incomum para uma mulher dama. Conforme ilustra o enunciado-discursivo da menina, a personagem exaltava uma tipificação diferente das prostitutas “vulgares” em trânsito pelos espaços públicos de Itaiara, sobretudo as ruas, e que se definiam através do apelo sexual e nudez para atrair clientes quando “andavam quase nuas, debochadas se mostravam, arrancavam-lhes os maridos rindo, só para fazê-las sofrer” (CELINA, 1996, p. 97). Em consonância com o discurso enunciado por Irene, a voz de dona Adélia e de Domingas também destacam a percepção sobre o singular requinte apresentado por Isa diante da presença dos moradores da pequena cidade interiorana do Pará:

Passou, seguiu, deixando na vereda os seus perfumes. A domingas, que ia conosco, quando bastante distante falou: “Mas, dona Adélia, quem vê essa mulher, nem diz o que é...” Mamãe: “Pois não é, Domingas, tem um trato, certa postura...” “Senhora sabe que ela está indo à casa de dona Zefinha, que Astésia está costurando pra ela?” Sim, mamãe já a vira na casa dos Nogueira. Mas isso em sossegadas horas, ia provar os vestidos. Os vizinhos nos falatórios, se admirando como seu Moisés nisso consentia. Mas talvez exagerassem. Desde que ela se portasse com respeito, havia mal nisso? Dona Zefinha aliás lhe dissera que a Isa, quando lá estava, era uma senhora, nem um cigarro acendia. (CELINA, 1996, p. 99)

Nesta mesma linha de pensamento advindas das diferentes consciências das personagens do romance, Margareth Rago (1991), no livro intitulado *Os prazeres da Noite*, também aponta certas distinções e particularidades de mulheres que trabalham com a prostituição no início do século XX, na cidade de São Paulo. Para a autora, o mundo da prostituição, quando passou pelo crivo do negativo, do sombrio, da brutalidade humana, foi metaforizado através de duas imagens antagônicas: da prostituição chique, a qual evoca imagens de prazer e tranquilidade, ao mesmo tempo de violência e depravação; e da prostituição de baixo meretrício, que inevitavelmente vem associada à imagem da animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade.

Independentemente de Isa Apetitosa não compor imagem e postura convergente à de prostituta de baixo meretrício, o fato é que o pai de Irene, seu Geraldo Shneider, proibiu a menina de estabelecer qualquer contato com a vizinha, tendo visto que, segundo Elódia Xavier (1998), existia uma hierarquia visível na representação do poder mantido pelo homem, o protetor/provedor da família e responsável pelo bem-estar de todos. Dessa forma, conforme detectamos, em certa ocasião seu Geraldo Schneider, homem bom, amoroso com as filhas, tratando-as sempre com muito carinho, quando descobre as clandestinas visitas de Irene e sua irmã ao recinto domiciliar de Isa Apetitosa, impõe ameaças caso desobedeçam novamente a seu pátrio poder: “Tornarem a voltar, uma vez que seja, à casa dos fundos, serão castigadas. Aquela mulher é uma meretriz” (CELINA 1996, p. 97). E assim, Irene, mesmo contrária ao ponto de vista e exigência do pai, aceitou suas or-

dens por compreender ser apenas uma menina que “não me governava e, ainda a contragosto, tive de me ausentar da barraca dos fundos. Porém quem sentiu a proibição foi Alba. Era quem mais se havia apegado à nova vizinha” (CELINA, 1996, p. 97).

Proibida de interagir com a figura da polêmica vizinha, a menina Alba “prorrompeu em censuras contra papai, achando-o pela primeira vez um homem ruim, sem coração” (CELINA, 1996, p. 97). Como é possível notarmos nos discursos romanescos emitidos, cada personagem possui seu ponto de vista sobre a figura e postura de Isa Apetitosa e o defendem a partir de suas próprias visões de mundo. As vozes dos personagens de *Menina que vem de Itaiara*, feita por Lindanor Celina, correspondem à polifonia proposta por Bakhtin, pois são vozes que se confrontam, mas não se submetem, pois ninguém abre mão de seus pontos de vista, formando discursos plenivalentes, independentes em relação uns aos outros. Afinal, a voz de Irene possui “independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis” (BAKHTIN, 1981, p. 3).

Irene vez por outra ouvia falar das andanças de Isa Apetitosa pela cidade, ou a via transitando a caminho do igarapé, mas, nessas horas, acompanhada de sua mãe, nem podia falar com a prostituta, mostrar que ainda pensava nela, restando-lhe apenas a indecisão e conflito de diferentes vozes no âmago da sua autoconsciência: “Falava com ela, não falava, olhava, não olhava, daria um sorriso, passaria durinha” (CELINA, 1996, p. 99). A personagem Isa Apetitosa, por sua vez, mesmo tendo consciência de não ser bem aceita em locais públicos devido à legitimação de uma identidade estigmatizada, de mulher “falada”, de mulher “de vida ruim”, indicava não abrir mão de seus direitos de ir e vir, assim como parecia não dar importância ao coro de vozes preconceituosas que se levantavam em Itaiara. Desse modo, não se sujeitando à privação imposta, andarilha pelas ruas da cidade, cumprimentava a todos que cruzavam seu caminho, em demonstração de gentileza e compostura: “Boa-tarde, dona Adélia”. Não é que mamãe, sem nenhum azedume ou prevenção, respondeu: ‘Boa-tarde, dona Isa’” (CELINA, 1996, p. 99).

Notamos, no transcorrer da narrativa, indícios da personagem Isa Apetitosa não apresentar visão de ser uma mulher em conflito valorativo com sua profissão envolvendo os prazeres do corpo como instrumento de trabalho, pois a mesma, em nenhum momento, indica carregar a voz de eterna sofredora, em relação ao peso da ideologia de caráter moral e religioso que visava tanto reprimir suas práticas sexuais quanto discriminar sua imagem e lugar ocupado. Tão pouco parecia se importar ou ficar constrangida com o falatório de outros moradores da cidade, honrados senhores e senhoras que demonstravam seus preconceitos em relação à profissão da personagem, e a condenavam do humano convívio. Pelo contrário, tratava-se de uma prostituta inteligente e segura de si, com a percepção dos efeitos sedutores sobre seus clientes, que desenvolveu estilo profissional único, vivendo conforme suas próprias particularidades, valores ideológicos e convicções que visavam garantir seu sustento ou aquisição de bens materiais.

Por fim, dentre outras circunstâncias de análise que poderíamos fazer a respeito de Isa Apetitosa, destacamos o discurso de Irene contando o desfecho da personagem, daquela mulher:

Primeira rapariga que eu vira de perto, e que com tanta simpatia nos conquistara. Isa vivia agora por conta de seu Pedro Galo, nem sei por que conserva o nome rapariga, se era ver dona casada. Aquele seu Pedro que antigamente só a visitava, como os outros, era hoje o dono e senhor de sua casa, de sua vida. (CELINA, 1996, p. 167)

Como observamos no destino da personagem, dois aspectos podem ser destacados: o primeiro acentua o romance de Lindanor Celina, visto sob a ótica do discurso polifônico de Bakhtin, como um gênero inacabado, em formação, onde seus personagens estão sujeitos a novas mudanças, sendo “sempre representadas em um processo de evolução que nunca se conclui” (BEZERRA, 2013, p. 191). O segundo aspecto, por sua vez, destaca como a personagem consegue livrar-se da profissão de prostituta, passando a assumir outra identidade ao aproximar-se da figura e postura da mulher de família ao manter relações sexuais apenas com um homem, e viver em condição semelhante ao leito conjugal, afinal, para a mulher da referida época, o “casamento e a maternidade eram a sua salvação; honesta era a esposa mãe de família; desonrada era a mulher transgressora que desse livre curso à sexualidade ou tivesse comportamento em desacordo com a moral cristã” (ALMEIDA, 2014, p. 63).

A partir desses (e outros) aspectos acentuados, Isa Apetitosa pode ser considerada uma prostituta, no mínimo, diferente para aquela sociedade em que viveu, sujeito feminino forte e com mentalidade impositiva capaz de criar formas de existências próprias, ficando com quem realmente queria e, mesmo não estando casada, mantinha prática sexual monogâmica, prática socialmente, pois conforme as convenções femininas prevalecentes à época: “Era o melhor, o mais sensato, ser de um só” (CELINA, 1996, p. 99).

2. Discursos da Prostituta Debalde Diana

A prostituta Debalde Diana, assim como Isa Apetitosa, também compõe o núcleo de personagens mulheres descritas sob a figura transgressora insubmissa, no contexto da obra *Menina que vem de Itaiara*. A voz da narradora-protagonista descreve a impactante chegada da mulher à pequena cidade do interior paraense. O episódio ocorreu em uma tarde, quando Irene brincava junto de outras crianças e viu descer a rua aquela distinta moça, corpo magro e bem vestido, o rosto pintadíssimo, tudo nela “era diferente das outras, nem digo das modestas e acanhadas do bairro, mas das ricas e elegantes da cidade.” (CELINA, 1996, p. 167).

Ao avistarem a imagem daquela singular mulher, a criançada interrompeu o momento lúdico, as comadres das janelas pararam num repente suas conversas apenas para verem a passagem da mulher “feito uma deusa, em nossa rua tão feinha.” (CELINA, 1996, p. 167). Não demorou para as honradas senhoras, mulheres de família, crescerem os “olhos às mulheres de aliança no dedo, cabelos despenteados e unhas sujas, mulheres honestamente recebendo a barreira e o refogado. Acenderam-se aqueles olhos num brilho que eu, menina, mal sabia dessas coisas, bem que vi que bom não era. Sim, diverso do nosso espanto era o espanto das honradas senhoras” (CELINA, 1996, p. 167). As expressões de espanto, curiosidade e repulsa diante a distinta figura e postura da personagem Debalde Diana não surgiram por acaso.

Em uma cena que merece destaque, percebemos discursos que apontam o interesse de Debalde Diana no estabelecimento de relações com os moradores de Itaiara, realizando pequenos gestos para conquistar as crianças e, quem sabe, um viver junto às mulheres de famílias (consideradas pessoas plenas de aspectos religiosos e morais). Porém, devido a visão estigmatizada sobre sua profissão e sua identidade como mulher perigosa, devassa e pecadora, seus gestos não passavam de atitudes vãs. O episódio a seguir, exemplifica as tentativas da prostituta em conquistar espaços comuns ao buscar interagir com as mulheres de valor, bem como o estereótipo negativo e lascivo da prostituta que recaía sobre si: “as honradas senhoras do quarteirão haviam-na irremediavelmente condenado e

proscrito do humano convívio. Diana se mostrava gentil, obsequiosa, cumprimentando sorridente a todos. Em vão acariciava as crianças, dando-lhes bombons” (CELINA, 1996, p. 168).

Em consonância com a ideia anteriormente mencionada, Margareth Rago (1991, p. 52), ao fazer alusão à repressiva moral da época, explica que a prática do sexo era considerada “pecado e doença ao mesmo tempo”, cabendo à mulher o restrito uso do sexo durante o casamento convencional e a reprodução, caso contrário, eram severamente punidas. E assim acontecia com a personagem Debalde Diana, pois as mulheres de família, quando presenciaram a tentativa da prostituta de interagir com seus filhos, tratavam de colocá-los para dentro, aos gritos. Que nem fosse uma lazarenta” (CELINA, 1996, p. 168). Em outro trecho da obra, também é possível identificar as emissões de juízo e valor presente na multiplicidade de vozes das honradas mulheres de Itaiara. Tais vozes aconselhavam as personagens femininas, sobretudo as moças ainda jovens que não haviam contraído matrimônio nesta faixa etária, sobre o risco de manterem qualquer relação interpessoal com Debalde Diana e serem apontadas como mulheres damas:

As virtuosas mulheres prescreveram às filhas a mais severa proibição: “Tem nada que viver de agarrado com as meninas de seu Guimarães. Essa prima deles é uma mulher da vida”. Ao que outra vizinha ajuntava: “Estou é dona Aurora receber em casa uma bicha dessas, as meninas já se pondo mocinhas, que coisa! Quando chegou essa sujeita?”. (CELINA, 1996, p. 167-168)

Sobre a rejeição perpetrada pelos moradores da cidade diante da existência da profissional do sexo, Louro (2003) explica que os membros de dados grupos sociais costumam treinar seus sentidos para perceberem e decodificarem marcas e aprenderem a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias maneiras que se expressam. Portando, Debalde Diana, ao utilizar seu corpo como forma de sustento e, acima de tudo, como espaço de poder e prazer, sofria com o juízo de valor emitido a seu respeito, bem como a marginalização, pelo fato de contrariar os comportamentos, as normas de conduta e os valores morais e religiosos da sociedade da época.

Divergente da usual visão preconceituosa apresentada pelo arranjo de vozes das demais personagens femininas da cidade, Irene, enquanto sujeito de consciência independente, buscava apreciar a figura de Debalde Diana a partir de uma perspectiva própria, não definindo a mulher apenas pela sua profissão. Em uma passagem do romance, a narradora-protagonista enuncia o diferente (e humanizado) modo de tentar compreender aquela mulher: “Mas, eu, toda vez que a via, buscava, no fundo de seus olhos pestanudos, nos belos traços de seu rosto, nos mínimos gestos seus, a sombra da ruindade, e nada. Não vi senão a bela Diana” (CELINA, 1996, p. 168). Esse aspecto presente na obra de Lindanor Celina reforça sua autêntica polifonia romanesca, pois, no plano discursivo, os personagens e suas vozes, todas são válidas e nenhuma se sobrepõe a outra. Ainda que, por determinada questão social e moral, uma determinada ordem possa a ser dada e obedecida, isso não quer dizer que aquela é uma verdade aceita, pois, como esclarece Bakhtin (1981, p. 2), os personagens do romance polifônico não são “apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desses discursos diretamente significantes”.

Assim como Irene, dona Adélia também procurou entender Debalde Diana apartada da visão estigmatizada de prostituta, ressaltando a polifonia bakhtiniana no texto romanesco de Lindanor Celina. Ao tentar compreendê-la segundo as condições de vida que a conduziram ao tortuoso

ramo de profissional do sexo, dona Adélia descobriu a tocante história da mulher nascida na cidade de Itaiara, oriunda de família pobre e repleta de muitos filhos, ainda pequena, mudou-se para tentar a sorte em Belém e, pondo-se moça, embelezou e não viu outro caminho na vida a não ser cair no mundo da prostituição para auxiliar a familiar. Desse modo, a personagem dona Adélia não teve coragem “de imitar a Neném Feitosa e demais vizinhas, fechando-lhe a porta” (CELINA, 1996, p. 168), procurou não condenar e menosprezar Debalde Diana por seu modo de vida diferenciado, permitindo, inclusive, com que a personagem realizasse frequentes visitas à sua casa, espaço doméstico, privado, onde as mulheres constroem suas “relações familiares, os laços de família” (XAVIER, 1998, p. 13).

Com a crescente amizade de Diana junto ao núcleo familiar de dona Adélia, a menina Irene deixa entrever qualquer resquício da percepção negativa de prostituta advinda da figura e postura apresentada pela mulher quando enuncia: “depressa esqueci que ela era rapariga, tão normal me aparecia, nas conversas, nas brincadeiras conosco. Nem namorado seu descobri nunca, embora nisso pudesse meus reparos, atrás de algo que lhe justificasse a má fama” (CELINA, 1996, p. 168). De acordo com a voz da narradora-protagonista, Diana não ostentava aparência de mulher que portava qualquer mancha ou mácula, pois, diferente de algumas mulheres de Itaiara que, para garantirem a oportunidade de um bom casamento, procuravam aventurar-se em relações sexuais no mais absoluto segredo, ela afirma que: “Jamais vi homens rondando a casa de seu Guimarães, nem Diana pelos cantos escuros, como tantas moças donzelas do bairro” (CELINA, 1996, p. 168-169).

Debalde Diana, com quase três meses convivendo na pequena cidade do interior paraense, passou a ter certeza que o núcleo familiar de Irene aceitava e apreciava sua companhia, encarando-a com respeito e igualdade, mesmo tendo ciência de sua atividade no ramo da prostituição. Porém, tinha consciência da indiferença e menosprezo perpetrado por parte das demais senhoras de Itaiara, que apresentavam dificuldades em compreender e aceitar maneiras diferentes de viver, e tentavam moldar a identidade do sujeito feminino. Talvez este destoante aspecto provocou na personagem tamanha revolta, a ponto de praticar ousada atitude e ser “apanhada no igarapé das Ora-Veja, feito Eva, no meio de um bando de homens, essas tantas noites” (CELINA, 1996, p. 169), demonstrando o afronte tanto às honradas e tradicionais famílias quanto à preconceituosa sociedade itaiarense, que empunhava repressivas regras e comportamentos a serem seguidos pelas mulheres, o que propiciava a marginalização da mulher prostituta.

Após o polêmico episódio, Debalde Diana partiu inesperadamente da cidadezinha, sem ao menos se despedir de Irene e sua família. Este aspecto sinaliza o quanto o romance de Lindanor Celina, apreciado à luz do discurso polifônico de Bakhtin, não se dá de forma acabada, isto é, os rumos e caminhos trilhados por seus personagens não estão pré-definidos pela autora, que concebe a cada um deles a liberdade de escolhas por não conhecer seus destinos. “Cada atitude da personagem está inteiramente no presente e neste sentido não é predeterminada; o autor a concebe e representa como livre.” (BAKHTIN, 1981, p. 23).

A cena final do discurso sobre Debalde Diana, descrevendo a personagem expondo as partes íntimas de seu corpo e praticando relações sexuais com vários homens em local público, tem um sabor de crítica, botando no chão os valores tradicionais de uma pequena cidade do interior paraense. O afrontoso comportamento da personagem originou muitas histórias a seu respeito, que não deixaram de ser contadas e recontadas pelas tradicionais famílias, pois um corpo íntimo e sexuado tornou-se gradativamente aquele que “veria afrouxar as disciplinas do passado em benefí-

cio do prazer” (DEL PIORE, 2011, p. 106). Tais histórias descrevem o polêmico episódio de uma subversiva mulher que desafiou a repressiva sociedade da “moral e bons costumes”. Essas histórias causaram ainda um misto de sentimento nas mulheres, como, por exemplo, o “maior espanto meu, e mais pena e mais desencanto e mais vergonha” (CELINA, 1996, p. 196), e, quem sabe, também não incentivou outras mulheres a serem o que quiserem, ou lutarem contra as repressivas normas que condenavam a prática das mulheres de exteriorizar as necessidades e prazeres sexuais de seus corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os documentos literários com indícios da realidade histórica da mulher paraense, procuramos enfatizar o romance ficcional *Menina que vem de Itaiara*, da escritora Lindanor Celina. As páginas do romance congregam uma trama ficcional repleta de discursos capazes de conduzir o leitor a uma extraordinária e profunda visão crítica, reflexiva e sensível acerca da polifonia de personagens femininas que convergem e divergem das regras legitimadas pelo prevalecente no seio familiar de muitas cidades do interior da Amazônia paraense nas primeiras décadas do século XX (1920-1930).

No rol de personagens femininas ilustradas na obra, buscamos, especialmente, destacar discursos onde emanam vozes sobre figuras e posturas das prostitutas presentes na narrativa, percebidas e tratadas como transgressoras e marginalizadas devido a suas práticas contrárias aos valores morais de Itaiara, isto é, uso da sedução e venda do corpo para a conquista do sustento e autonomia. As duas prostitutas ficcionais de Lindanor, aqui analisadas, apresentam-se como mulheres portadoras de vozes e consciências antônimas, que não se deixam abater pelos preconceitos e buscam conquistar seus espaços e suas vivências com maior liberdade e dignidade no contexto da pequena cidade. Ambas, conforme suas ações e posturas, despertam visões outras a respeito de si, o que proporciona a ilustração de personagens com identidades plurais e que muito se assemelham com mulheres reais e atuantes na prostituição.

Por fim, numa leitura mais cuidadosa do romance, podemos considerar Lindanor Celina entretecer discursos de personagens prostitutas com singularidades para decidir os rumos de seus destinos, porém, cada uma escolhendo seu desfecho à sua maneira, de forma imprevisível. Enquanto Isa Apetitosa viverá uma relação estável, monogâmica e condizente aos valores morais femininos, Debalde Diana será marcada pelo escândalo, pela vida sexual promíscua e livre. Deste modo, as duas prostitutas descritas em *Menina que vem de Itaiara* são ilustradas com percepções e modos plurais de agir, demonstrando como a prostituição feminina pode se constituir não apenas sob um ponto de vista preconceituoso e negativo, mas conforme diversos pontos de vistas evocados nas vozes de sujeitos que se inserem, vivem e mantêm relações dialógicas em cada momento específico da história.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. et al. *O legado Educacional do século XX no Brasil*. 3ª. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2014, p. 55-101.
- ALVES, L. M. S. A.; ARAÚJO, S. M. S. Castigos corporais e disciplinamento na escola: um estudo a partir da literatura brasileira. In: Castro, A. C.; PINHEIRO, A. C. F.; LOPES, A. P. (Org.). *Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste*. São Luís: EDUFMA, UFPB, Café e Lápis, 2011, p. 67-100.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto 5ª Ed., 1ª reimpressão, 2013.
- CELINA, L. *Menina que Vem de Itaiara*. Belém: Editora Cejup, 1996.
- CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- DEL PRIORE, M. *Conversas íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- FERREIRA, A. C. A fonte fecunda. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2021.
- LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 07-35.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- TONOZI-REIS, M. F. C. *Infância, escola e pobreza: ficção e realidade*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2022.
- XAVIER, E. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.